

## A “mula eleitoral” e o voto

Antônio de Pádua Galvão\*

Estava na Praça Sete depois de degustar um delicioso cafezinho no tradicional Café Nice. Fui rumando em direção ao centro do Poder Municipal, a Prefeitura, e para o entorno do Parque Municipal. De repente, um *flash* iluminou minha mente e me veio uma associação de imagens: a mula e a urna eleitoral. Continuei meu caminhar, olhei de relance e me deparei com uma tropa de burricos ou mulas beirando o lago no interior do parque. Todos muito distintos caminhavam a passos elegantes e sôfregos para cumprir sua sina: carregar sobre os seus ombros as alegrias das crianças que sonham com cavalgadas, batalhas e corridas.

Comecei minha reflexão a respeito desse animal manso e trabalhador. A mula é um bicho forte, de cabeça grande, orelhas compridas e móveis, corpo mais curto, sisudo, passo firme e prudente. Não atravessa o pântano ainda que a matem. É boa para montaria e para viajar.

Existe ainda no mundo da superstição da mula-sem-cabeça. É uma lenda do folclore. O animal é literalmente uma mula sem cabeça, que solta fogo pelo pescoço, local onde deveria estar sua cabeça. Possui em seus cascos ferraduras que são de prata ou de aço e apresentam coloração marrom ou preta. Segundo a lenda, qualquer mulher que namorasse um padre seria transformada em um monstro. Dessa forma, as mulheres deveriam ver os padres como uma espécie de “santos” e não como homens. Caso cometessem qualquer pecado em relação a um padre, mesmo que fosse apenas em pensamento, seriam transformadas em mulas-sem-cabeça.

A mula é um animal emblemático. A cada dois anos vem à tona um tipo de comportamento estranho, que induz a uma caricatura de cidadania: a “mula eleitoral”. Esse ser fica confinado no seu estábulo de uma pseudo cidadania. A todo

---

\* Antônio de Pádua Galvão é professor, economista e psicanalista.

o momento cai no canto da sereia e acredita em promessas que não acabam mais. Tudo isso sobre a chibata dos cabos eleitorais, a mando dos senhorzinhos públicos. As “mulas eleitorais” não têm nenhum interesse com a repercussão dos “santinhos” que carregam e distribuem. O fazem pela confiança de que serão beneficiadas pelos favores mútuos. É um misto de ingenuidade e alienação. A explicação recorrente é que transitam na indignação e por esta razão não seriam responsáveis pelo que fazem. Por alguns trocados, as “mulas eleitorais” topam qualquer negócio e seja o que Deus quiser.

Peço perdão, caro leitor, pelas palavras grotescas e rudes. A indignação produziu esse excesso. Desculpem-me os homens e as boas mulas. Afinal, o que a coitada da mula, animal trabalhador, tem a ver com o voto? A princípio, nada. Mas, se você olhar com cuidado e minúcia, perceberá que o voto tem um destino e um resultado.

É exatamente uma combinação desastrosa de penúria da consciência e indignação para sobreviver, alimentada por candidatos despreparados cultural e moralmente para atividade pública, que gera as “mulas” eleitorais. Potencializada pela pobreza educacional, miséria e ganância de uma sociedade consumista.

A “mula eleitoral” carrega um fardo pesado sobre suas costas, pois são montadas por gordos e fartos senhores ambiciosos. O voto que deveria emancipar, torna-se na verdade algema e grilhão que acorrenta a alma e empobrece ainda mais a indignação social. Os mandatários manipulam e abusam da boa fé da “mula eleitoral”. Este ser emblemático que habita na consciência de muitos e que faz toda a diferença na hora de decidir sobre o destino da governança.